

## O RACISMO NA INFÂNCIA NA AMÉRICA LATINA E SUAS RELAÇÕES COM O CAPITALISMO

Maria Socorro Nogueira de Moraes<sup>1</sup>  
Milena Oliveira David de Vasconcelos<sup>2</sup>  
Francisca Andrea da Silva Rocha<sup>3</sup>

**RESUMO:** O presente artigo busca relacionar os temas racismo, infância e capitalismo na América Latina, como esses fenômenos se articulam, são tratados, observados e como as relações de dominação e exploração do povo latino-americano impactam e refletem o racismo na infância. É primordial questionar os entrelaçamentos que surgem em comum e que divergem nas diferentes sociedades latino-americanas, como são combatidos ou não esses fenômenos sociais. A pesquisa bibliográfica analisará o estado da arte sobre os temas expostos com o intuito de correlacioná-los na tentativa de ampliar a compreensão sobre o racismo na infância na América Latina.

**Palavras-Chave:** Infância. Racismo. América Latina.

**ABSTRACT:** This article seeks to relate the themes of racism, childhood and capitalism in Latin America, how these themes are connected, and how the relations of domination and exploitation of the Latin American people impact and reflect racism in childhood. What intertwinings appear in common and diverge in different Latin American societies and how they combat these social manifestations or not. Bibliographical research will analyze the state of the art on the topics exposed with the aim of correlating them in an attempt to broaden the understanding of racism in childhood in Latin America.

**Keywords:** Childhood. Racism. Latin America.

### INTRODUÇÃO

Em nosso cotidiano, as questões étnico-raciais estão em debate e a percepção do racismo e suas consequências são observadas e discutidas com focos em diferentes sentidos, tanto temporal, social, econômico quanto psicológico. Na tentativa de compreender melhor esse fenômeno torna-se necessário observá-lo com outros olhares e com maior amplitude sobre o tema, de que forma essas questões são discutidas por toda a América Latina, como esse tema é tratado e qual sua relevância para as discussões acerca da formação das sociedades latino-americanas.

---

<sup>1</sup> Professora da Rede Pública de Fortaleza e Mestranda em Serviço Social-MASS(UECE).

<sup>2</sup> Professora da Rede Pública de Fortaleza e Mestranda em Serviço Social-MASS(UECE).

<sup>3</sup> Professora da Rede Pública de Fortaleza e Mestranda em Serviço Social-MASS(UECE).

A infância é uma etapa do desenvolvimento humano que precisa de uma atenção especial, com olhares e lentes crítico-científicas no intuito de perceber como de fato os diferentes Estados-nações priorizam essa etapa da vida, e de que forma a criança é introduzida na sociedade com seus direitos e deveres.

Relacionar o racismo na infância ao capitalismo e compreender de que maneira esses fenômenos se articulam, como é tratado e observado por todas as sociedades latino-americanas é o objetivo deste trabalho que surge de questionamentos pessoais na disciplina “Pensamento Crítico latino-americano” durante o Mestrado Acadêmico em Serviço Social pela Universidade Estadual do Ceará-UECE.

## MÉTODOS

O estudo busca relacionar os temas infância, racismo e América Latina com o capitalismo, a partir de uma pesquisa bibliográfica nos principais repositórios de artigos acadêmicos, como o **Google Acadêmico**, Periódicos, *Scielo* e outros. A pesquisa aprofunda os temas com o intuito de compreender o racismo na infância e como esse fenômeno se apresenta na América Latina, observando referenciais teóricos que possam proporcionar uma melhor compreensão sobre a pesquisa. Para isso, a pesquisa será disposta em três tópicos que a 2  
direcionam. Serão eles: “A infância na América Latina”, “O racismo na América Latina” e “As relações do racismo na infância com o capitalismo”

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

### A INFÂNCIA NA AMÉRICA LATINA

Como parte da compreensão do conceito moderno de infância, é importante reconhecer que o conceito de criança não é estático ou “natural”, mas sim o produto de uma construção sócio-histórica que reflete uma realidade histórico-cultural, como descreve Castillo (2006, p.10): “está intimamente vinculado a um contexto e período histórico específico. De uma perspectiva de história social da cultura, a noção de infância está ‘imersa em uma construção estrutural histórica ligada a uma série de significados e a um contexto social, econômico, político e cultural”.

É importante compreender e reconhecer a particularidade e especificidade da formação de cada sociedade, que construíram uma visão própria, alicerçada na formação específica de cada sociedade nas práticas dos diferentes grupos sociais, com fundamentação na

cultura, relações sociais, leis, instituições e políticas de Estado. Salientar a diferença entre criança e infância é importante para poder desenvolver e compreender as relações dialéticas existentes entre esses conceitos e sua construção pela sociedade.

A infância é uma etapa do desenvolvimento humano, e a criança é o ser humano em desenvolvimento, com todas as suas particularidades sociais, psíquicas e comportamentais, fruto de sua inter-relação com o meio sócio-histórico e cultural em que vive. Como o Estado, por meio das inter-relações institucionais e de políticas públicas interfere nessa etapa do desenvolvimento influencia diretamente a criança enquanto ser social, como salienta Sosenski e Albarrán:

[...] esta relación dialéctica entre las construcciones ideales de las infancias latinoamericanas (elaboradas generalmente por adultos) y las experiencias vividas por los niños. Partimos de la idea de que para una comprensión amplia sobre la función de la infancia en la historia debemos atender al conjunto de ideas, representaciones y configuraciones que se han hecho sobre los niños así como sus prácticas y experiencias cotidianas. Es por ello que en este volumen se presentan algunas perspectivas de las variadas intersecciones entre la representación y la acción social de las infancias en Latinoamérica.” Sosenski e Albarrán (2012, p. 10).

As diferentes percepções históricas, sociológicas, psicológicas e pedagógicas sobre a infância divergem em diferentes aspectos, fruto de maneira diversificada da observação do fenômeno. Desde o início do século XX (1916), existia uma preocupação em alinhar esses diferentes pensamentos no intuito de auxiliar os Estados americanos na criação de ações e políticas públicas voltadas para a infância, sendo discutida e debatida no *Congresos Panamericanos del Niño* (CPN), como lembra Nunes:

[...] fueron organizados los Congresos Panamericanos del Niño (cpn) desde 1916, intentando congregiar estudios e ideas con respecto a la vida infantil, y proponiendo a los estados y a las sociedades acciones dirigidas a la infancia. Dentro de esos congresos es que se proyectó la creación del Instituto Internacional Americano de Protección a la Infancia como un intento de institucionalizar y hacer más eficaz el movimiento de profesionales y de políticas gubernamentales de las Américas en los diversos campos del conocimiento relacionados con la problematización de la vida infantil, en el sentido de estimular el intercambio de experiencias y proyectos ya manifiesto en los cpn.” Nunes (2012, p. 274).

O tema infância tem diversas abordagens por diferentes autores, áreas e países, aspectos peculiares associados à história da infância, que demonstram o quanto o tema é relevante e discutido em épocas distintas. Como apresentado por Alzate Piedrahita:

**Cuadro 1. *Historia de la infancia: temáticas de investigación***

España	Estados Unidos	Italia	Francia	Colombia
Historia de la infancia y la familia	Historia de la infancia: teoría y metodología	Historia de la infancia y maltrato infantil	Historia de la infancia y la familia	Historia de la infancia de Santa fe de Bogotá: 1900-1920
Historia de la infancia y mortalidad infantil	Infancia en la edad media	<b>Infancia en la antigüedad</b>	Infancia en la edad media	Historia de la infancia de Santa fe de Bogotá: 1930-1950
Historia de la infancia y medicina	Infancia y padres en Europa: siglos IX-XVI	Historia de la infancia e infanticidio	Historia de la infancia e infanticidio	<b>Infancia y pedagogía moderna</b>
Historia de la infancia y trabajo infantil	Infancia en Italia: siglos XIV-XVI	Historia de la infancia y trabajo infantil	<b>Infancia en la cultura romana</b>	<b>La historia de los niños de la calle</b>
Historia de la infancia y escolarización	Infancia en Inglaterra: siglos XV-XVI	<b>Infancia en la edad media</b>	Historia del abandono infantil	<b>Infancia y escuela "activa"</b>
Historia de la infancia y abandono infantil	Infancia y pautas de crianza en Francia: siglo XVIII	Historia de la infancia y abandono infantil	Historia de la infancia y abandono infantil	
Historia de la infancia y delincuencia	Infancia y pautas de crianza en Inglaterra y en América del Norte: siglo XVIII	Historia de la infancia e instituciones de acogida y asistencia	<b>Infancia y "civilidad"</b>	
Historia de la infancia y modernidad	Infancia en la Rusia Imperial	<b>Infancia en el humanismo y el renacimiento</b>	<b>Infancia en los comienzos de la época moderna</b>	
Historia de la infancia y desarrollo psicológico	Infancia en Europa: siglo XIX	<b>Infancia en la Italia del los siglos XIV y XV</b>	<b>Infancia e iconografía en el siglo XVII</b>	
Infancia y antigüedad clásica	Historia de la infancia y currículo	<b>Infancia y pedagogía en el siglo XV</b>	<b>Infancia y religión; la infancia de Jesús en el siglo XVII</b>	
Infancia y edad media hispánica		<b>La infancia del siglo XIX y del siglo XX</b>	<b>La infancia y la historia del juguete en Francia. Siglos XVI al XIX</b>	
Infancia y derecho		<b>Infancia y familia en el siglo XIX</b>	<b>Infancia entre el absolutismo y la Ilustración y el Iluminismo luces (1650-1800)</b>	
Infancia en la literatura francesa		<b>Infancia y escritura</b>	<b>Infancia y trabajo e infancia minusválida</b>	
Historia de la Infancia e infancia deficiente		<b>Infancia y cine</b>	<b>Infancia y escolaridad en el siglo XIX</b>	

Fonte: Adaptado de Alzate Piedrahita (2003, p. 23).

A infância traz para o debate a importância de observarmos as relações mutáveis de constante adequação, e desta forma percebemos os diferentes **fatores** que a influenciam direta e indiretamente. Compreendê-la torna-se, portanto, uma constante busca epistemológica de nos vermos como humanos, tentando redesenhar a realidade.

## O RACISMO NA AMÉRICA LATINA

O racismo se ordena a partir do conceito de raça e se apresenta direta e indiretamente nas ações, reações e relações sociais objetivas e subjetivamente das pessoas em nosso cotidiano.

Almeida traz como definição:

“[...] ...o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas

conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam.” Almeida (2019, p. 22).

Apresenta, dentre as particularidades do **racismo**, a forma de ordenamento, distinção e anulação por características corporais, comportamentais e ou culturais que segrega, distância e exclui pessoas. Como podemos observar em Lima e Vala que descreve o racismo como:

“[...] o racismo envolve uma rede ampla de aspectos para sua caracterização: sendo um processo de hierarquização, discriminação e exclusão de um grupo, ou mesmo um componente deste, que é distinto dos demais por possuir alguma marca física externa (real ou imaginária) que, no olhar do outro, associa-se a alguma característica subjetiva”. (LIMA; VALA, 2004, p. 402).

A exploração do povo africano, sua escravização e segregação por Portugal, que os excluía e manipulava como objetos, quando já não eram mais necessários, levava ao descarte ou à simples extração da sociedade em que haviam sido **ferramentas motrizes** para seu surgimento e constituição como povo-nação. essa segregação e exclusão de uma parte constitutiva da sociedade permanecem em sua estrutura, e nós a carregamos conosco de forma cíclica. Segundo Mbembe:

“Ao reduzir o corpo e o ser vivo a uma questão de aparência, de pele e de cor, outorgando à pele e à cor o estatuto de uma ficção de cariz biológico, os mundos euro-americanos em particular fizeram do negro e da raça duas versões de uma única e mesma figura: a da loucura codificada. Funcionando simultaneamente como categoria originária, material e fantasmática, a raça esteve, no decorrer dos séculos precedentes na origem de inúmeras catástrofes, tendo sido a causa de devastações psíquicas assombrosas e de incalculáveis crimes e massacres.” Mbembe (2018, p. 13).

5

O racismo sistêmico, constituinte de uma sociedade escravocrata fruto da exploração do Brasil, perpetua-se por uma camuflagem de sociedade igualitária; mas as inúmeras ações históricas de segregação e higienização revelam uma sociedade que foi **forjada na separação**, com funções bem definidas de explorador e explorado, algo que não mudou repentinamente com o fim da escravidão no final do século XIX em nosso país. Mbembe ressalta a destruição do negro feita em nosso país:

“Todo negro recebe sua forma de seu mestre. O mestre dá forma a seu negro, e este toma essa forma pela via da destruição e da explosão de sua forma anterior. Fora dessa dialética da posse, do pertencimento e da explosão, não existe "negro" enquanto tal.” Mbembe (2018, p.265-266).

No sistema escravocrata, o censo era uma forma de ter o controle populacional dos escravos no Haiti. Com isso, apesar da mortalidade infantil ser elevada, as crianças precisavam

ser contabilizadas, porém o racismo era transparecido por inúmeras **ações de omissão**, como relata Trouillot:

“[...] nascimentos e mortes eram deliberadamente silenciados nos registros, por uma série de razões práticas inerentes ao próprio registro. É certo que escravidão e racismo representavam o contexto em que ocorriam esses silêncios, mas de modo algum eram os silêncios eles mesmos um produto ideológico.” Trouillot (2016, p. 91).

O racismo tem em sua origem a escravidão dos diferentes povos africanos, que compartilha com a exploração das novas terras, batizadas de América pelos europeus, o início da discriminação e segregação de pessoas.

## AS RELAÇÕES DO RACISMO NA INFÂNCIA COM O CAPITALISMO

A partir da exploração das Américas pelos europeus, é imposto seu pensamento, suas formas de pensar o mundo, o modo operante pelo qual se relacionam exploram e dominam, em que impuseram o pensamento do ser civilizado dominador, em contrapartida os que aqui estavam como seres primitivos dominados, em que a submissão a tudo que era introduzida na sociedade era o pré-requisito e o contrário encarado como insubmissão. Logo, deveria ser combatido e rechaçado. Da mesma forma, apresenta Trouillot:

“A perfectibilidade converteu-se em argumento no debate prático: o outro ocidentalizado parecia sempre mais rentável para o Ocidente, especialmente se pudesse converter-se em trabalhador livre. Um memorial francês de 1790 registra o tema: “Talvez não seja impossível civilizar o negro, impor-lhe princípios e fazer dele um homem: teríamos mais a ganhar do que aquilo que obtemos ao comprá-lo e vendê-lo” Trouillot (2016, p. 132).

6

O pensamento colonial capitalista exploratório era introduzido, consigo suas ideias, com ações estruturantes em todas as nações recém-formadas. Com isso, influenciou diretamente a formação dessas sociedades e concepções nos mais diferentes **modos e relações organizacionais** nas sistematizações e formação desses Estados. Assim como a reflexão de Oliveira e Candau:

“[...] Opera-se, então, a naturalização do imaginário do invasor europeu, a subalternização epistêmica do outro não-europeu e a própria negação e o esquecimento de processos históricos não-europeus. Essa operação se realizou de várias formas, como a sedução pela cultura colonialista, o fetichismo cultural que o europeu cria em torno de sua cultura, estimulando forte aspiração à cultura europeia por parte dos sujeitos subalternizados. Portanto, o eurocentrismo não é a perspectiva cognitiva somente dos europeus, mas torna-se também do conjunto daqueles educados sob sua hegemonia.” Oliveira e Candau (2010, p. 19).

Podemos perceber o racismo estatal, estrutural e sistêmico na apresentação e disposição dos recursos financeiros para o pleno desenvolvimento de ações e políticas públicas

que combatem ou minimizam direta ou indiretamente o racismo desde a infância. Em **ações governamentais** que deixam de priorizar a educação, saúde, alimentação e lazer da população e com isso polarizam, de forma cada vez mais acentuada e desproporcional a desigualdade social, em que ficam evidenciados nos mais diferentes relatórios o racismo estrutural. Como apresenta Campos:

“[...] a persistência em tratar a educação das crianças pequenas como estratégia para mitigar a miséria tem inaugurado novas formas de segmentação e de focalização de políticas, que, longe de distribuir com “equidade” as “oportunidades educacionais”, criam novas formas de discriminação e de subalternização.” Campos (2012, p. 99).

Ao expor as crianças a desigualdade das diferentes ações do **poder público**, que deveriam proporcionar direitos básicos para o pleno desenvolvimento infantil e consequentemente na formação plena do ser humano, o **racismo** se apresenta na sua **forma mais sutil**, na **estrutura do Estado** e sua formação aflora de maneira cíclica na família e escola. Assim, Souza e Pereira relata que:

Nessa perspectiva, é visível que são inúmeras as maneiras com que o racismo aflora nas instituições escolares, em especial nas creches e pré-escolas, ou seja, na educação infantil. As atitudes racistas e discriminatórias costumam ser silenciadas ou dissimuladas, tornando-se quase naturais no cotidiano do espaço escolar, contribuindo para firmar e confirmar mentalidades etnocêntricas. Essa infância aparece como o outro, o diferente, que rompe a lógica hegemônica da sociedade. Souza e Pereira (2019, p. 467).

7

Como se camufla e se revela o racismo é tão sutil e muitas vezes tão claro que passa despercebido em nossas **diferentes relações sociais** e o Estado que teoricamente deveria combatê-lo, o perpetua em suas políticas econômicas, sociais e educacionais. Como relata Costilla sobre a **ética política do Estado**:

“[...] a recuperação da noção ética política do Estado em termos de constituição da força popular avançada e democrática que determine a renovação do Estado capitalista latino-americano, hoje fortemente alheio à ética comunitária, tanto das coletividades associativas urbanas, [...]” Costilla (2023, p. 52).

O Estado capitalista se estrutura, em **seu eixo** se constitui por meio de sua organização para perpetuar o capitalismo, nesse ordenamento o racismo é um dos frutos que resulta para continuar fomentando a **elite dominante**.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção de um novo ser social precisa ser observada, compreendida e acompanhada a fim de proporcionar uma quebra nos paradigmas sociais impostos principalmente por um **Estado** que perpetua em suas ações e omissões, protegido por uma

**estrutura estatal** que demonstra a partir de ações de proteção, mas que age de forma subjetiva, ao desviar e não proporcionar condições adequadas para tal fim.

Dessa maneira, o Estado **replica o racismo**, a discriminação e segregação da população mais necessitada e criminalizada ao estabelecer e internalizar na criança relações subjetivas inter-raciais, racistas e preconceituosas. Essa realidade se modifica por meio de processos de avanços, ações estatais de garantia do direito à educação com legislações específicas para **garantir o acesso à escola** e regride quando não dispõe de verbas para essas ações se tornarem de fato possíveis.

Compreender como o **racismo** se apresenta nos diferentes países latino-americanos é buscar relações comuns, nos diversos Estados com suas **particularidades históricas**, culturais e educacionais que demonstra o quão podem divergir e convergir em diferentes aspectos e como a **infância** é afetada com a educação também compartilhando e refletindo esses efeitos. O presente estudo teve como objetivo iniciar uma investigação que servirá de base para o aprofundamento da pesquisa, ao buscar **subsídios referenciais teóricos** sobre a infância e o racismo e prosseguir na dissertação do mestrado em serviço social.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio de. **Racismo estrutural**. 4. reimpr. São Paulo: Sueli Carneiro, 2019.

ALZATE PIEDRAHITA, María Victoria. **La infancia: concepciones y perspectivas**. Pereira: Papiro, 2003.

CAMPOS, Roselane Fatima. "Política pequena" para as crianças pequenas?: experiências e desafios no atendimento das crianças de 0 a 3 anos na América Latina. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 49, p. 81-105, jan./abr. 2012.

CASTILLO TRONCOSO, Alberto del. Conceptos, imágenes y representaciones de la niñez en la ciudad de México (1880-1920). **Ciudad de México: El Colegio de México, Centro de Estudios Históricos**, 2006.

COSTILLA, Lucio Fernando Oliver. **Crítica às contribuições teóricas de Hegel sobre o estado ético-político moderno e sua crise orgânica**. In: COUTINHO, Joana A.; COSTILLA, Lucio Oliver (org.). Problemas teóricos do Estado integral na América Latina: forças em tensão e crise. Marília: Lutas Anticapital, 2023. p. [páginas do capítulo].

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; VALA, Jorge. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. **Estudos de Psicologia** (Natal), Natal, v. 9, n. 3, p. 401-411, set./dez. 2004.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

NUNES, Eduardo Silveira Netto. A invenção da infância latino-americana: congressos, instituições e representações (1916-1940). In: SOSENSKI, Susana; ALBARRÁN, Elena Jackson (coord.). *Nuevas miradas a la historia de la infancia en América Latina: entre prácticas y representaciones*. Ciudad de México: Instituto de Investigaciones Históricas, UNAM, 2012. p. 273-304.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 15-40, 2010.

SOSENSKI, Susana; ALBARRÁN, Elena Jackson (coord.). *Nuevas miradas a la historia de la infancia en América Latina: entre prácticas y representaciones*. Ciudad de México: Instituto de Investigaciones Históricas, UNAM, 2012.

SOUZA, Edmacy Quirina de; PEREIRA, Reginaldo Santos. *Infância e relações étnico-raciais: uma questão de saber-poder*. *Revista Eletrônica de Educação*, São Carlos, v. 13, n. 2, p. 459-472, 2019.

TROUILLOT, Michel-Rolph. *Silenciando o passado: poder e a produção da história*. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu, 2016.